

**WILLIAM GALSTON**

Especialista em governança na Brookings Institution em Washington e ex-assessor do presidente americano Bill Clinton

Futuro americano depende de superação política

Existem diferenças de princípios e também de interesses em cada sociedade. Nas sociedades livres, essas diferenças acabam encontrando sua expressão nos conflitos políticos e sociais. A coesão social não significa e não pode significar a ausência de conflitos ou a conquista definitiva da justiça. A unidade dos EUA repousa não na descendência e etnia comuns, mas, sobretudo na aceitação de princípios, instituições e esperanças por parte das pessoas. Não se pode negar, entretanto, que essa coesão tem se enfraquecido nas últimas décadas.

Além das tendências políticas, culturais e sociais adversas, a coesão econômica também encolheu no país. No início dos anos 1970, a remuneração de um executivo típico era cerca de 30 vezes a remuneração média ganha por todos os operários. Por volta de 2005, essa diferença chegou a 120 vezes. Não é de se surpreender que a parcela de famílias com rendimento acima de US\$ 100 mil mais do que dobrou entre 1980 e 2005, de 9,4% a 20,2%, e que 10% das famílias mais abastadas detinham 70% da riqueza total. Os analistas debateram longamente as causas dessas tendências. Não há dúvidas de que a imigração, a tecnologia, o comércio e o declínio dos sindicatos de trabalhadores desempenharam cada um sua parte para contribuir na consolidação desse cenário.

Lamentavelmente, o sistema educacional, que antigamente sustentava a mobilidade americana, está agora solapando essa mobilidade social

Na história dos EUA, sempre que ocorriam períodos de desigualdade crescente, estes eram compensados por um alto nível de mobilidade social. Lamentavelmente, o sistema educacional, que sustentava antigamente a mobilidade americana, está agora solapando essa mobilidade. No passado, os programas sociais ajudaram a contrabalançar o crescente

nível de desigualdade. Desde a década de 70, as despesas públicas de auxílio, ajustadas à inflação, às famílias pobres e de baixa renda mais do que triplicaram e agora alcançaram a cifra de US\$ 600 bilhões de por ano.

Resumindo, as perspectivas a curto e a médio prazo de uma melhor coesão social no país não são brilhantes. Todavia, há ainda esperanças a longo prazo. A chave para conseguir progressos nesse sentido será o retorno a um crescimento econômico vigoroso cujos frutos possam ser compartilhados de maneira ampla. E a despeito da contestação partidária, há sinais do surgimento de um consenso, sobre uma agenda em favor do crescimento, para a segunda década do século XXI.

Durante o século passado, houve períodos em as pessoas se preocupavam com o fato de que os EUA estivessem perdendo caminho e de que os melhores dias haviam passado. O foco dessa ansiedade passou da Rússia para o Japão, depois para a Alemanha e agora para a China. Mas a estrutura básica dessa ansiedade continuou a ser a mesma — a de que o país, conjunto singular de organização econômica, de instituições políticas e de entendimentos sociais não estava mais adaptado às circunstâncias cambiantes. Mas todas as vezes os pessimistas subestimaram a capacidade americana de auto-correção, de adaptação e de renovação do país.

A grande dúvida é a capacidade das instituições políticas de sobrepujar a polarização e a miopia e de se reunir para tomar as medidas que são necessárias para assegurar uma prosperidade compartilhada nas próximas décadas. O declínio dos EUA, se é que algum dia isso vai acontecer, não virá pelas mãos de algum competidor, mas das feridas autoinfligidas, das falhas de sua própria autonomia. ■